

Olha o beat envolvente: uma abordagem sonológica das batidas do funk paulista da terceira década

MODALIDADE: PÔSTER

SUBÁREA: SONOLOGIA

Rafael Hermés Mondoni Moreira
USP – rafael-hermes@hotmail.com

Heloísa de Araújo Duarte Valente
UNIP/USP – whvalent@terra.com.br

Resumo: O presente projeto em andamento visa analisar dentro da terceira década do funk, no repertório paulista, os elementos musicais e suas respectivas relações que compõem uma batida de funk. Assim, propomos uma análise que busca compreender como as batidas de funk são orquestradas dentro do ambiente da música eletrônica, evidenciando as massas, texturas e balanços rítmicos que ouvimos no repertório. Além disso, realizaremos também uma etnografia, buscando entender dentro do ambiente de quem produz funk, como é entendido o seu processo de criação. Dessa forma, poderemos ter uma dimensão ampliada de como os materiais e o *métier* da música eletrônica aparecem em um dos gêneros da *Electronic Dance Music* (EDM).

Palavras-chave: Funk. Análise. Batida. EDM. Sonologia.

Title of the Paper in English: Look the Surrounding Beat: A Sonological Approach of the Funk Beats from São Paulo in the Third Decade

Abstract: The present project in progress aims to analyze within the third decade of funk, in the São Paulo repertoire, the musical elements and their respective relationship that composes a funk beat. So, we propose an analysis that tries to understand how funk beats are orchestrated in the electronic music environment, highlighting the masses, textures and rhythmic swings we hear in the repertoire. In addition, we will also carry out an ethnography, seeking to understand inside the environment of those who produce funk, how is understood their process of creation. In this way, we can have an amplified dimension of how the materials and the *métier* of the electronic music appear in one of the genres of the Electronic Dance Music (EDM).

Keywords: Funk. Analyze. Beat. EDM. Sonology.

1. Introdução

Visto como uma expressão artística de menor valor no ambiente acadêmico, na música popular ou erudita e mesmo entre a grande mídia, o funk tem se tornado um dos ritmos mais consumido nos últimos tempos. Tal sucesso se deve principalmente ao fato do crescente uso das redes sociais e mídias digitais que surgiram na última década; hoje por exemplo, o canal do YouTube KondZilla¹ conta com mais de 30 milhões de inscritos. Ainda assim, existe uma resistência de determinados grupos para lidar com o sucesso deste gênero musical.

As justificativas utilizadas para arguir os pontos destes grupos são mal fundamentadas ou simplesmente oriundas de um preconceito estrutural antigo que visa apenas

ridicularizar um movimento social/cultural que gera uma música tão plural. Logo, se faz necessário que questões levantadas, como o conteúdo polêmicos das letras, melodia e harmonia “ruins” (ou como alguns acreditam inexistentes), e ainda uma “batida tosca”, sejam refutadas. Ademais, notamos que alguns dos exemplos citados são de critérios puramente estéticos ligados ao gosto de cada um e não possuem nenhuma exigência enquanto material composicional. Logo, devemos assumir que se faz necessário investigar com mais precisão os elementos musicais que compõem o universo do funk.

2. Do *Miami Bass* ao *Beatbox*

A produção fonográfica nacional do funk começou em 1989 no Rio de Janeiro com os DJs Raphael Grandmaster e Marlboro. Com quase trinta anos de existência o gênero passou por grandes transformações, adquirindo uma identidade própria e características nacionais que o tornaram único. Além disso, o ritmo atravessou as fronteiras estaduais conquistando ouvidos além do Rio de Janeiro, estabelecendo-se primeiramente no estado de São Paulo na Baixada Santista e posteriormente na grande São Paulo.

O funk é marcado por três fases distintas. Divididas em décadas, elas são pontuadas pelas mudanças das batidas utilizadas nas músicas. A primeira década do funk é marcada por influências estrangeiras, especificamente por uma batida de Hip-hop que acontecia nos Estados Unidos: o *Eletro* (figura 1). A segunda década (que começa por volta do ano 2000) é marcada pela nacionalização do ritmo, conhecido como Tamborzão (figura 2), o ritmo valoriza os contratempos e o uso de atabaques. E na terceira década (que começa por volta de 2010) é o Beatbox (figura 3) e o “Beatbox Instrumental”² que predomina.



Figura 1 – Estrutura do *Volt Mix*, uma das batidas de *Eletro* fundamentais na história do funk. Combinação das linhas rítmicas do bumbo e da caixa (abaixo) com a do chimpanze (acima), costuradas pela voltagem (ao centro). Fonte: Caceres; Ferrari; Palombini (2014. p. 184)

Além disso, podemos perceber que nas bases construídas a escolha dos objetos sonoros utilizados pode possuir uma referência estética, que pode vir tanto de um gosto puramente musical como extramusical. Dessa forma, buscaremos analisar individualmente com precisão os objetos sonoros estabelecidos para construção das batidas; pesando de um lado se existe uma referência à alguma fonte sonora e do outro quais são as características presentes da tipo-morfologia Schaefferiana que caracterizam um determinado som em um funk.

Em última instância, evidenciado as características individuais pertinentes aos objetos sonoros e das resultante das batidas, procuraremos entender a relação existente entre subgêneros do funk e as diversas massas, texturas e balanços rítmicos presentes nos *beats*.

Assim, chegamos a duas perguntas que pretendemos responder em nossa pesquisa:

(1) Dentro do repertório da música eletrônica, na possibilidade estética de escolher entre diversos objetos sonoros para compor, como a escolha destes objetos e o seu posicionamento na clave rítmica pode gerar um balanço rítmico diferente para cada batida?

(2) A batida do funk é uma das características mais importantes de sua música e comporta parte de sua originalidade e identidade; a outra parcela pode ser atribuída a linha vocal que é expressada pelo MC, dessa forma, questionamos como, por meio da análise, acontece a relação do *beat* com *acapella*⁶, sendo esse o ponto de partida para a produção de um funk.

4. Metodologia de pesquisa e pressupostos teóricos

O presente projeto em andamento visa essencialmente em realizar análises musicais sobre a construção das batidas do funk paulista (da terceira década), colocando o som em evidência enquanto material de estudo. Dessa forma, dividiremos a pesquisa em três partes (historiografia, análise e etnografia).

A princípio, iremos contextualizar nosso objeto de estudo no seu devido momento histórico, através das diferenças musicais que pontuam cada década. Assim, utilizando da bibliografia produzida por Essinger (2005), Medeiros (2006), Batista (2013), Herschmann (1997, 2005), Vianna (1988), Pereira (2007, 2010), Caceres, Ferrari e Palombini (2014), Pedro (2015), entre outros materiais audiovisuais como KondZilla (2013), Maxwell (2001) e Garcia (2005) poderemos compreender a cena do funk na história, para posteriormente, realizarmos as análises.

A análise será dividida em três partes, uma sobre a estrutura das claves rítmicas⁷, outra que analisa os objetos sonoros individualmente e por fim uma que coloca em evidência a soma dos critérios rítmicos e do som (massa, textura e balanço rítmico). Dessa forma, selecionaremos o repertório escolhidos através de dois pontos, o primeiro enquanto relevância no repertório musical, sendo essa relevância ponderada pelas visualizações em sites de streaming como o YouTube e também pela importância na cena do funk que acontece nos bailes; o segundo será musical, procurando dentro desse repertório diferentes elementos que possam gerar nas batidas balanços rítmicos, massas e texturas diferentes e contrastantes, bem como o uso de objetos sonoros que possuam ou não uma referência a uma fonte sonora.

Para a análise rítmica iremos nos basear no material produzido por Pedro (2015), Caceres (2014), Ferrari (2014), e o vasto material publicado por Palombini para entendermos a clave rítmica do funk; assim, iremos escrever as batidas escolhidas com o fim de evidenciar as diferenças entre timbres e balanços, comparando a estrutura rítmica do funk com as batidas.

Após ter evidenciado o material rítmico utilizado, partiremos para análise dos objetos sonoros, massas, texturas e balanços. Para tal, empregaremos como base metodológica o trabalho produzido por Pierre Schaeffer no Tratado dos Objetos Musicais. Assim, buscaremos *a priori*, compreender os objetos sonoros em suas individualidades para entendermos o seu papel nas batidas de funk; e depois, observaremos as diferentes resultantes de massa e textura que produzem balanços rítmicos diversos no arranjo musical. Por fim, colocaremos ainda em pauta outros elementos que podem influenciar na percepção contrastantes das batidas que estão presentes no arranjo musical, como: efeitos e timbres escolhidos que são utilizados na harmonia e nos solos.

Por fim, realizaremos uma etnografia dentro da cena musical da ação social Liga do Funk⁸ através do conceito de *insider researcher* apontado por Ed Montano (2013) em *Ethnography From The Inside: Industry-Based Research In The Commercial Sydney EDM Scene*, que propõe a ideia de uma vivência em uma cena musical/social com o objetivo de ter uma total imersão para compreender o circuito musical e suas relações com os papéis dos produtores, realizadores e ouvintes. Dessa forma, integrando suas práticas coletivas, poderemos entender como desenvolver ferramentas para analisar a cena, focando sempre na criação do arranjo musical elaborada pelos DJs. Ademais, serão realizadas entrevistas com DJs e produtores de funk, que, com tal abordagem etnográfica possibilitará um ambiente informal mais propenso a real compreensão dos processos de composição cultivado pelo meio. Cabe ressaltar por último que a possibilidade de se realizar uma etnografia de *insider*

researcher não impede a possibilidade de se realizar como *outsider researcher* (sob uma visão exterior da cena), e que de certa forma, se faz bastante pertinente para que possamos olhar não apenas uma cena do funk (paulista, do repertório da terceira década, dentro da ação social Liga do Funk), como também sob uma configuração mais global, permitindo assim, uma compreensão amplificada da cena.

5. Conclusões

Levando em consideração o momento atual em que vivemos, no qual pautas como a criminalização do funk vinham sendo debatidas até pouco tempo, a necessidade em se discutir de forma técnica sobre esse movimento cultural, em toda sua extensão, cada vez mais tem se tornado pertinente, e abordá-lo sob a perspectiva musical é fundamental.

Dessa forma, por mais que algumas áreas do conhecimento estejam abertas a estudar o funk e possua uma considerável produção bibliográfica, o funk ainda carece de uma produção científica que o aborda sob a perspectiva musical, o que chega a ser controverso, visto que o combustível que move este movimento é justamente a música.

O enfoque que pretendemos dar aqui é umas das possibilidades de como podemos olhar o funk em sua expressão artística/musical. Logo, podemos dividir sua produção musical em duas partes, uma sendo a canção que é interpretada pelos MCs e outra o arranjo musical elaborado pelos DJs; este, por sua vez, fica encarregado de como utilizará o *beat* na música. Assim, o DJ realiza escolhas, fundamentadas pela estética e pelo próprio gosto para o ambiente do baile funk, respeitando o devido ritual que esta música está inserida, a dança.

Portanto, visto que possuímos dentro da academia a produção de trabalhos e músicas eletrônicas que pensam na organização do som de forma aperiódica do tempo, logo, não dançante, a necessidade de entender como processos de criações similares que acontecem periodicamente no tempo (de música dançante), ou seja, de como são arquitetados em suas múltiplas relações com os objetos sonoros e o tempo, são fundamentais para entender a música de nossa época e origem em uma esfera maior, que não apenas dentro do universo eurocêntrico da música erudita.

Referências:

- BATISTA, C. (Org.). *Tamborzão: olhares sobre a criminalização do funk*. Rio de Janeiro: Revan, 2013.
- CACERES, G.; FERRARI, L.; PALOMBINI, C. A era Lula/Tamborzão: política e sonoridade. *Revista do instituto de estudos brasileiros*, Brasil, n. 58, p.157-207, jun. 2014.
- ESSINGER, S. *Batidão: uma história do funk*. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 2005.

- FACINA, A; MOUTINHO, R. M.; NOVAES, D.; PALOMBINI, C. *O errado que deu certo: Deu onda, o debate da harmonia e a construção da textura numa produção paulistana de funk carioca*. Disponível em: <<https://goo.gl/VNHUPL>> . Acesso em: 28 mar. 2018.
- GARCIA, D. *Sou feia mas tô na moda*. Rio de Janeiro: Toscographics, 2005. Disponível em: <<https://goo.gl/P4mzFw>> . Acesso em: 28 de mar. 2018.
- HERSCHMANN, M. (Org.). *Abalando os anos 90: funk e hip-hop, globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- _____, M. *O Funk e o Hip-Hop invadem a cena*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- KONDZILLA. *Funk ostentação, o filme*. [Konrad Dantas], 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/kfS2EZ>> . Acesso em: 28 de mar. 2018.
- MAXWELL, R. *Tá Tudo Dominado*. [Filme-Vídeo]. Produção de Amanda de Masi, Direção de Robert Maxwell. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, Núcleo de cinema e Tv, 2001. Disponível em: <<https://goo.gl/rLCfU4>> . Acesso em: 28 de mar. 2018.
- MEDEIROS, J. *Funk carioca: crime ou cultura? O som dá medo. E prazer*. São Paulo: Terceiro Nome, 2006.
- MONTANO, E. *Etnography From The Inside: Industry-Based Research In The Commercial Sydney EDM Scene*. *Dancecult: Journal of Electronic Dance Music Culture*, Australia, n.5 (2), 113–130, 2013.
- PALOMBINI, C. *Funk Proibido*. In: IV Seminário Música Ciência Tecnologia: Fronteiras e Rupturas, 4, 2012, Rio de Janeiro: Record, 2012.
- _____. *C. Pierre Schaeffers typo-morphology of sonic objects*. 236f. Tese (Doutorado em Musicologia) Durham University, Durham, 1993.
- _____. *C. Soul brasileiro e funk carioca*. *Opus*, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 37-61, 2009.
- PEDRO, T. M. G. *Funk Brasileiro: Música, Comunicação e Cultura*. 2015. 136f. Tese (Mestrado em Comunicação e Semiótica). PUC, São Paulo, 2015.
- PEREIRA, A. *A maior zoeira: experiências juvenis na periferia de São Paulo*. 2010. 264 f. Tese (Doutorado em Antropologia) - FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- PEREIRA, A. *Funk ostentação em São Paulo: imaginação, consumo e novas tecnologias da informação e da comunicação*. *Revista de Estudos Culturais*. São Paulo, v.1, p 1 – 18, 2014.
- SCHAEFFER, P. *Treatise on Musical Objects: An Essay Across Disciplines*. Tradução: Cristine North; John Dark. California: University of California Press, 2017.
- SOCIAL BLADE. S.l: s.n., 28 março. 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/VrLGCT>> . Acesso em: 28 mar. 2018.
- VIANNA, H. *O mundo funk carioca*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

Notas

¹ O Canal KondZilla hoje (05 de abril de 2018) é o terceiro maior canal de música do YouTube, sendo ele

² Entendemos por Beatbox Instrumental o tipo de batida que é construída a partir da clave rítmica do Beatbox (sendo essa uma espécie de estrutura que suprime elementos rítmicos do Tamborzão, como o bumbo e os toms [ver figura 3]).

³ *Disc-Jockey*; responsáveis por “tocar” o baile e produzir os arranjos musicais dos funks.

⁴ *Master of Ceremony* ou Mestre de Cerimônia, são os responsáveis por cantar sob as batidas construídas pelos DJ's.

⁵ Forma como as batidas de funk também são chamadas.

⁶ Trata-se da linha vocal que é gravada isoladamente para posterior produção do funk.

⁷ Entendemos por clave rítmica um padrão rítmico periódico que é repetido de forma cíclica evocando um determinado gênero musical.

⁸ “O projeto consiste em atividades usando o funk como instrumento de inclusão social. Sabendo da importância de um espaço de formação tanto musical quanto social, além de fomentar o crescimento profissional de jovens que buscam oportunidades dentro do movimento funk, com aulas de postura de palco, canto, rima, teatro e debates



sobre os mais variados temas, como o das mulheres, dos LGBTs, das drogas, do Hip Hop e dos diferentes seguimentos do funk já que é importante que eles também construam, o exercício da sua cidadania e que estejam munidos de informações para difundir suas atividades enquanto arte. Trazendo conscientização política e oportunidades para os futuros mcs, djs, produtores musicais e culturais e *beatmakers*. A Liga do Funk procura atuar nas mais diversas instituições e espaços para que o debate sobre a cultura periférica e do funk se reposicione e se crie um elo que promova grandes mudanças e ganhos para a juventude brasileira”.

Disponível em: <<https://goo.gl/U46yn5>> . Acesso em: 05 abr. 2018.